

DIABETES: ALGUÉM SABE MEXER COM ISSO ?

Dr Alessandro Bao Travizani

Especialista em Cardiologia / Mestre em Educação em Diabetes / Diretor de Comunicação da Sociedade Mineira de Cardiologia - Itaúna - MG

A estatística é cruel: Minas Gerais, com os seus 21 milhões de habitantes, tem aproximadamente 2 milhões de diabéticos. Desses, metade nem sabe que tem a doença. Dos que sabem grande parte não a trata. Dos que tratam, pequena parte está realmente controlada.

O problema é que o diabetes, normalmente silencioso e traiçoeiro, seja o dos jovens (diabetes tipo 1), ou o dos adultos e gordinhos (diabetes tipo 2), quando não bem controlado, sempre traz alguma complicação futura: causa cegueira, impotência sexual, infarto do coração, derrame, leva para a hemodiálise ou obriga a amputar as pernas. Repito: quando não controlado!

Daí pergunto-lhes: quem sabe tratar essa doença?

No auge dos meus vinte anos de Medicina, com especializações e pós-graduações, frequentando todos os congressos possíveis da Cardiologia, tão interligada a essa doença, somente após ingressar num mestrado com enfoque em diabetes é que pude perceber algo assustador junto com os meus colegas mestrandos: as faculdades médicas praticamente nada ensinam sobre o diabetes! Literalmente, achamos que o conhecemos e vamos tratando os doentes "aos trancos e barrancos".

Os endocrinologistas sabem, porém, poucos são os que ainda têm tempo e disposição para dar todas as informações, prescrever os remédios disponíveis e explicá-los, fazer a checagem adequada dos exames obrigatórios, atender os inúmeros retornos necessários, envolver as famílias, etc. Ocorre que também não há endocrinologistas suficientemente distribuídos por todo o estado e os primeiros a diagnosticar, quase sempre, são os clínicos e cardiologistas.

É fato que tratar essa complexa doença não se restringe apenas a prescrever um comprimido ou uma dose de insulina, pedir ao paciente para não comer açúcar e mandá-lo furar o dedo, de vez em quando, para medir o nível de glicose no sangue.

Ensinar a dieta correta, orientar sobre atividades físicas, cuidados com os pés dormentes dos diabéticos, sobre o tratamento de ferimentos que demoram a cicatrizar, armazenamento e aplicação dos diversos tipos de insulinas, sobre os controles diários de glicose no sangue, redução de peso, cuidados com a visão e o coração, não é factível para médicos recebendo hoje, por exemplo, apenas cinquenta reais líquidos por consulta, média dos melhores convênios, com vários retornos gratuitos, geralmente muito longos e cheios de dúvidas a sanar. Também não é segredo que, excetuando os endocrinologistas, é difícil encontrar algum médico que tenha esses conhecimentos, de uma doença tão comum e tão interligada a outras, tendo em vista que, na maioria das escolas de Medicina, não se aprende nada, especialmente em algumas mais recentes, que nem mesmo hospital-escola oferecem para que os seus alunos aprendam algo prático, além dos livros.

Assim, lavando as mãos como Pilatos, empurramos a dura tarefa do manejo do diabetes para as enfermeiras e nutricionistas dos postos de saúde ou, quando disponíveis, nos gabamos por, pateticamente, entregar folhetinhos de orientações, ao final das consultas, sob os olhares desorientados dos clientes. É uma catástrofe!

Abnegadas, a maior parte das enfermeiras cumpre com carinho este papel, que deveria ser nosso. Entretanto, analisando criticamente o que é repassado, vê-se que elas também, nem sempre, detêm as informações corretas, por falta de planos institucionais de aprendizagem do diabetes, com cursos, palestras ou apostilas.

Muitas acabam por aprender umas com as outras, às vezes multiplicando práticas equivocadas, cujos médicos das unidades ignoram e os das clínicas particulares nem sonham em tomar conhecimento.

Resta ao diabético recorrer à internet, com os seus sites confusos e deturpados, aprender com os colegas de doença ou, quando podem, pagar consultas particulares caras, mais demoradas, com especialistas dispostos a gastar tempo ensinando-lhes o 'bê-á-bá'.

Na prática, esta antiga negligência com essa doença tão perigosa, resulta em pacientes seguindo dietas surreais e milagrosas, trocando medicamentos por ervas, pós e “garrafadas”, uso errado das insulinas, quedas de glicose com desmaios, falta de exames obrigatórios, abandonos de tratamento e tristemente, muitos deles já recheados de complicações graves.

Some-se a tudo isso a atual e triste segmentação dos diabéticos em castas: aqueles que podem desembolsar cem, duzentos reais por uma caixa mensal dos modernos hipoglicemiantes, que já curam também os seus corações e rins e aqueles que dependem dos velhos remédios, com os seus efeitos colaterais e alcance limitado.

Em Belo Horizonte, a Santa Casa, através do seu internacionalmente reconhecido ambulatório de diabetes, percebendo esta lacuna no sistema de saúde, aprovou no CAPES, há alguns anos, o seu mestrado ‘stricto sensu’ em ‘Educação em Diabetes’, inédito na América Latina, no intuito de dotar o país de multiplicadores do conhecimento nesta patologia, reduzir gastos públicos com as complicações e ajudar a salvar vidas.

Dois milhões de mineiros e suas famílias nos aguardam. Arregacemos as mangas.

Que Deus nos ilumine!

Um forte abraço.